

Turismo, geografia e a obra de Rita de Cássia Ariza da Cruz

Tourism, geography and the work of Rita de Cássia Ariza da Cruz

Artur Manuel Marulo

Mestre em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Natal/RN, Brasil

E-mail: arturmarulo@hotmail.com

Elizângela Justino de Oliveira

Mestre em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Natal/RN, Brasil

E-mail: elizangelaoliveira82@hotmail.com

Joane Luiza Dantas Batista

Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. Natal/RN, Brasil

E-mail: joaneluiza2010@gmail.com

Artigo recebido em: 25-02-2015

Artigo aprovado em: 19-05-2015

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a produção bibliográfica da professora Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz, apontando suas contribuições à construção do conhecimento sobre o turismo. Para tanto utilizou-se a seguinte metodologia: levantamento das obras da referida professora através do currículo lattes, tais como: livros de sua autoria e/ou organizados pela mesma, capítulos de livros, artigos avulsos publicados em periódicos, em seguida procedeu-se a leitura de todo o material levantado no primeiro momento, concomitantemente realizou-se entrevista com a mesma através de e-mails. Nas considerações finais apresenta-se os resultados, os quais apontam que a maior contribuição de Cruz ao turismo se constitui na sua proposta de analisar o fenômeno turístico pelo viés do método dialético.

Palavras-chave: Turismo. Contribuições teóricas. Rita de Cássia Ariza Cruz.

ABSTRACT

The objective of the following paper is to analyze the written works of Professor Dr. Rita de Cássia Ariza da Cruz and draw attention to her contributions to the knowledge base surrounding tourism. To that end the following methodology was used: a literature review of her work based on her curriculum vitae including books either published or organized by her, book chapters and individual articles published in peer-reviewed journals, followed by a thorough reading of these works, and finally an interview with her via e-mail. Results are presented in the final considerations and outline that the largest contribution Cruz has made to tourism rests in her suggestion to analyze the phenomenon of tourism using the dialectic method.

Keywords: Tourism. Theoretical Contributions. Rita de Cássia Ariza Cruz.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar a produção bibliográfica da professora Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz, apontando suas contribuições à construção do conhecimento sobre o turismo. Para tanto, a metodologia consistiu no levantamento das obras da referida professora através do currículo lattes, tais como: livros publicados, capítulos de livros, artigos avulsos publicados em periódicos, em seguida procedeu-se a leitura de todo o material levantado no primeiro momento, e concomitantemente realizou-se entrevista com a mesma através de e-mails.

Os estudos da professora Rita de Cássia sobre o turismo iniciaram-se quando esta cursava a graduação, na década de 1980. Nesse momento, avaliava-se a viabilidade do turismo enquanto atividade econômica, sobretudo no Nordeste. No que se refere aos estudos sobre o tema, estes também eram então muito recentes.

Segundo Ramos, Garcia, Hallal e Muller (2010), no Brasil, o primeiro curso superior de turismo surge na década de 1970, mais especificamente no ano de 1971, na Faculdade de Turismo de Anhembi Morumbi, em São Paulo. Desse período até então, muitas foram as mudanças e as discussões a respeito do turismo.

Passada a fase do surgimento desse curso pelas instituições privadas, uma nova fase teve lugar: passou-se a buscar um equilíbrio entre quantidade e qualidade no que diz respeito ao turismo enquanto curso superior.

Nesta perspectiva, o curso superior de turismo passou a ser alvo de várias críticas e discussões nos últimos anos, principalmente a partir dos anos 2000, quando o turismo de massa ganhou grande repercussão, necessitando de reflexões teóricas sobre o assunto. Como consequência, o curso perdeu o cunho mercadológico para ganhar uma dimensão científica em algumas universidades.

Nesse contexto, surgem discussões a respeito da epistemologia do turismo e questionamentos tais como: O turismo é ciência ou não? Qual seria o objeto de estudo do turismo? Qual a fase em que se encontra o turismo: Pré-paradigmática, Paradigmática, ou Pós-paradigmática? Neste sentido, são muitos os esforços das várias ciências e pesquisadores por entender o turismo e cada um, a partir de sua própria ciência, busca dar contribuições.

Assim, a professora Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz empenha-se, a partir de sua obra, em contribuir para a construção do conhecimento do turismo sob uma perspectiva geográfica.

2. RITA DE CÁSSIA ARIZA DA CRUZ E SUA OBRA

A Professora Rita de Cássia Ariza da Cruz é graduada (1991), mestra (1995) e doutora (1999) em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo.

De forma detalhada, a formação da referida professora se apresenta da seguinte maneira: cursou a graduação, mestrado e doutorado em Geografia na USP. A graduação no período de 1987-1991, cujo título da monografia foi “Turismo, ambientes e sociedade: Projeto Parque das Dunas Via Costeira, Natal-RN, tendo como orientadora a professora Iraci Gomes Palheta.

O mestrado ocorreu entre 1992-1995, com o seguinte título de dissertação “Turismo e Impactos de Ambientes Costeiros: Projeto Parque das Dunas-Via Costeira, Natal-RN”. Sendo seu orientador o professor Eduardo Abdo Yáziqi.

Por fim a tese “Políticas de Turismo e (re) ordenamento de territórios no litoral Nordeste do Brasil”, desenvolvida no período de 1995 a 1999, com a mesma orientação do mestrado.

A carreira acadêmica da Professora é marcada por duas importantes influências: a primeira delas foi a da professora Adyr Balastrieri Rodrigues¹, com quem Cruz teve seu primeiro contato a respeito do tema do turismo, dando início, assim, aos seus estudos sobre este. Na ocasião, a professora Cruz cursava o terceiro ano de sua graduação e a professora Adyr ministrava pela primeira vez na USP a disciplina Geografia do Turismo, conforme entrevista concedida:

No terceiro ano da minha graduação (em 1989), a Profa. Adyr Rodrigues ofereceu, pela primeira vez no DG/USP, a disciplina Geografia do Turismo. Foi exatamente nesse momento, que pude ver que meus interesses distintos uniam-se em uma disciplina. A partir daí, nunca mais parei de estudar o turismo na Geografia (Cruz, entrevista concedida em: 30 mai. 2011).

¹Principais obras desta autora: **Turismo rural: práticas e perspectivas**. Editora: Contexto, 2001; **Turismo e Espaço - Rumo a um conhecimento transdisciplinar**. Editora: HUCITEC, 1997. 158 p; **Turismo e Ambiente: Reflexões e Propostas**. Editora: HUCITEC, 1997. 177 p. **Turismo e Desenvolvimento Local**. Editora: HUCITEC, 1997. 207 p. **Turismo, Modernidade e Globalização**. Editora: HUCITEC, 1997. 218 p; **Turismo e Geografia - Reflexões Teóricas e Enfoques Regionais**. Editora: HUCITEC, 1996. 274 p.

A segunda influência foi a do professor Urbanista Eduardo Yázigi² - uma importante influência na carreira da referida professora, com seus estudos relacionados ao turismo e ao planejamento. Quanto à produção bibliográfica da Professora Rita de Cássia, esta, em resumo, está distribuída da seguinte forma:

Quadro 1- Produção bibliográfica de Cruz

Artigos completos publicados em periódicos	8
Livros publicados/ou organizados	5
Capítulos de livros publicados	13
Outros tipos de produção bibliográfica*	15

Fonte: Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5125571262722656>>. Acesso em: 15 mai. 2015. Última atualização: 04/05/2015

*Inclui resumos e trabalhos completos publicados em anais de congressos.

Cruz possui cinco livros publicados, sendo três de sua autoria e dois organizado:

- Política de turismo e território, 2000;
- Turismo e paisagem (Orgs), 2002;
- Introdução à Geografia do turismo, 2003;
- Geografias do turismo. De lugares a pseudo-lugares, 2007;
- Pesquisa geográfica em Portugal e no Brasil, 2011.

Atualmente, faz parte do corpo docente do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - área de Geografia Regional -, como Professora Adjunta. Suas pesquisas e sua produção bibliográfica envolvem, principalmente, temas da geografia do turismo, com destaque para políticas públicas, planejamento e produção do espaço.

Fica evidenciado, portanto, que a autora tem uma produção significativa sobre o tema do turismo relacionado com a geografia, o que não poderia ocorrer de outra forma, já que toda a sua formação é em geografia.

Considerando que o nosso objetivo é analisar a obra da referida autora apontando suas contribuições, entre elas, a análise do fenômeno turístico através do método dialético, julgou-se necessário, antes, discutir o paradigma sistêmico, no qual se baseia as análises do turismo

²Principais obras desse autor: **Civilização Urbana: Planejamento e turismo**. Editora: Contexto, 2003. 359p; **Turismo e Paisagem**. Editora: contexto, 2002. 228p; **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano**. Editora: contexto, 2001. 304p; **Turismo - Uma Esperança Condicional**. Editora: global editora, 1998. 192p; **Turismo - Espaço, Paisagem e Cultura**. Editora: HUCITEC, 1996. 245p.

atualmente, em seguida buscou-se apontar as principais críticas a esse paradigma para a partir de então identificar as contribuições teóricas metodológicas da professora Cruz ao turismo.

3. O PARADIGMA SISTÊMICO

Conforme Valduga (2008), nas últimas décadas do século XX, a ciência passou a buscar novos paradigmas para explicar melhor o mundo contemporâneo e com isso, solucionar os problemas existentes. As possibilidades e as limitações de análise dos métodos mecanicistas e cartesianos, amplamente difundidos e usados, passaram a ser refutadas e desconsideradas. A ideia cartesiana sobre o homem como dominador da natureza passou a ser amplamente questionada.

Na busca por alternativas para explicar a integralidade e a complexidade dos fenômenos, uma corrente ganhou destaque: a abordagem sistêmica. Esta foi concebida na base da teoria geral dos sistemas, que preconiza o modo orgânico e sistêmico de observar as coisas, procurando explicar os fenômenos a partir da percepção de forma mais sinérgica, visando a compreender seus princípios de uma forma mais generalizada.

A teoria geral dos sistemas tem como precursor o pesquisador alemão Ludwig Von Bertalanffy (1901-1972), que realizou seus estudos em Biologia, com abordagem orgânica, de forma interdisciplinar, com aplicação para as Ciências Sociais, a Psicologia, a Matemática e a Física, entre outras ciências. O modelo sistêmico de Von Bertalanffy surge como contrapartida à abordagem mecanicista das séries causais isoláveis e pelo fato de o tratamento por partes ter se mostrado insuficiente para atender os problemas teóricos, como afirma Panosso Netto (2005). A palavra-chave do sistemismo é *sistema*, que Beni (2000) conceitua como:

[...] conjunto de partes que interagem de modo a atingir determinado fim, de acordo com um plano ou princípio, ou conjunto de procedimentos, doutrinas, ideias ou princípio, logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo (Beni, 2000, p. 21).

Na concepção deste autor, o sistema é composto por: meio ambiente, unidades ou elementos, relações, atributos, entradas (*inputs*), saídas (*outputs*) realimentação (*feedback*) e modelo.

A teoria geral dos sistemas é uma ciência da totalidade, seu objeto é a formulação de princípios válidos para os sistemas em geral. Considerando, qualquer que seja a sua natureza, elementos que os compõem e as relações ou forças existentes entre eles, partindo-se de um

complexo de componentes em interação e buscando-se organizá-los num todo, sendo esse todo mais que a soma das partes, afirma Beni (2000).

Segundo Leiper (1979 como citado por Panosso Netto (2005), o propósito da teoria geral dos sistemas é lidar com algumas coisas ou alguma ideia que pareça complexa. O princípio é reduzir a complexidade. O valor é que, depois da redução desta, as coisas e as ideias tornam-se mais fáceis de ser compreendidas, analisadas e gerenciadas.

3.1 Modelos sistêmicos de turismo

O turismo no mundo veio, nas últimas décadas, a apresentar um crescimento considerável, constituindo-se como uma atividade de grande importância, que desperta atenção em todos os seus níveis pelo seu caráter transversal e seu impacto econômico, social e ambiental. Por isso mesmo, tem sido tema constante de debates entre cientistas e pesquisadores que buscam fornecer um corpo teórico mais coeso, face às dificuldades de natureza epistemológica e metodológica no seu estudo.

Mesmo com este cenário, o processo de pesquisa e evolução do turismo no mundo das ciências tem, contudo, enfrentado dificuldades, que se resumem na falta de uma linha de orientação teórica coesa capaz de abranger toda a complexidade do fenômeno em si.

Vários são os autores, entre eles Beni (2004), Molina (2000) (como citados por Valduga 2008, p. 2) afirmam que a teoria sistêmica surgiu nos últimos anos para contrapor-se à visão parcial das disciplinas, ao reducionismo, à visão mecânica, sendo uma teoria que transcende a abordagem analítica dos fenômenos.

Neste sentido, diversas abordagens têm surgido na tentativa de se procurar voltar para o turismo numa perspectiva que possibilite uma melhor compreensão do fenômeno. Entre as várias abordagens, destaca-se a sistêmica, por ser a que tem conduzido muitos estudos atuais sobre o tema, conforme afirma Panosso Netto:

Considera-se que o Sistema de Turismo é um paradigma nos estudos turísticos porque a visão sistêmica tem grande difusão, abrangência e utilização nos estudos dessa área e, sem dúvida, até o presente momento, é a teoria que melhor explica a dinâmica do turismo, apesar de ainda conter elementos que dificultam a compreensão (Panosso Netto, 2005, p. 45).

A mesma posição é defendida por Martinez (2005, como citado por Panosso Netto 2005), que tenta buscar uma metodologia integradora que explique o turismo em sua totalidade. Ele salienta que, por ser um fenômeno complexo, com características e níveis de

inter-relação e interdependência elevados e por possuir vínculo com diversos fatores e áreas de conhecimento, a adoção da teoria geral dos sistemas facilita a sua compreensão.

É importante destacar que as abordagens sistêmicas de Mário Beni, Alberto Sessa e Sergio Molina, são as que têm influenciado o maior dos estudos relacionados com o turismo particularmente no Brasil.

3.2 Críticas ao Modelo Sistêmico do Turismo

Várias são as críticas feitas por pesquisadores à abordagem sistêmica do turismo, seja pelo fato de enfatizar a visão economicista do fenômeno, seja por não considerá-lo em toda a sua complexidade. Podem-se resumir as críticas à abordagem sistêmica apresentando o ponto de vista de Panosso Netto:

A teoria de sistemas aplicada ao turismo é, por sua vez, a descrição de algo ideal que deveria acontecer conforme a teoria prevê. Porém sabemos que um grau de previsibilidade confiável dos fenômenos sociais e do turismo como ação de comportamento humano não existe. Assim modelos sistêmicos do turismo são considerados modelos formais, capazes de dar uma noção geral do que é o fenômeno, mas não são capazes de explicar as especificidades de cada sistema, uma vez que os conceitos de entrada, saída e realimentação (input, output e feedback respectivamente) falham na concepção e análise (Panosso Netto, 2005, p. 71).

Muitos cientistas, até pouco tempo, seguiam as orientações da corrente positivista, que levava, em certos casos, a uma deturpação do objeto principal das Ciências Sociais: o desenvolvimento do homem e da sociedade. Esta linha de orientação tem seu auge nas Ciências Naturais, mostrando a crença absoluta no poder da investigação experimental. Assim, muitos cientistas sociais foram atraídos pelos métodos de investigação empírica, acreditando que todos os problemas das Ciências Sociais podiam ser resolvidos por esses tipos de métodos.

4. O PENSAMENTO FILOSÓFICO DIALÉTICO E O MÉTODO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO NA GEOGRAFIA

A professora Cruz, através de suas obras, nos evidencia sua proposta de método, dentro da corrente filosófica dialética. Suas obras estão ancoradas no conceito de Espaço construído e pelo expoente da Geografia Brasileira, o professor Milton Santos, para quem “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de

objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (Santos, 2008b, p. 63).

O conceito de espaço supracitado é construído dentro de uma perspectiva filosófica dialética, quando nos expõe que, para se apreender o espaço, faz-se necessário entendê-lo através das relações contraditórias entre objetos e ações, dentro da totalidade em que ambos coexistem para a produção e reprodução do espaço. A liberdade assumida por Santos a partir de uma perspectiva dialética o faz ir “beber” nas fontes de várias correntes filosóficas - surrealista, estruturalista, existencialista -, para a construção de um método de análise próprio da geografia.

A filosofia dialética consiste em diálogos que, segundo os filósofos Heráclito e Sócrates, constituem suas teses em evidenciar a realidade humana através do seu caráter instável, dinâmico e contraditório, sendo o conflito a palavra de ordem para tal entendimento, e considerando o homem como um ser instável. “[...] vida ou morte, sono ou vigília, juventude ou velhice são realidades que se transformam umas nas outras [...]” (Konder, 1981, p. 7).

A partir do século XVI, a dialética passa a ser mais discutida, diante do alargamento do horizonte geográfico, no período da Renascença e das grandes navegações. As ciências e as artes transcendem o período medieval, com a troca de informações entre civilizações. Trazendo a complexidade vivida pelo mundo. E, é no século XVIII, com o Iluminismo conferindo a base filosófica e o conteúdo político para a Revolução Francesa, que teremos o entusiasmo de Friedrich Hegel (1770-1831) pela queda da Bastilha, símbolo, para ele, do exercício ilimitado do poder humano, conforme afirma Konder (1981, p. 22): “o poder humano de intervir na realidade lhe pareceu quase ilimitado”.

Assim, Hegel constrói o pensamento dialético idealista respaldado no trabalho “[...] é no trabalho que o homem se produz a si mesmo; o trabalho é o núcleo a partir do qual podem ser compreendidas as formas complicadas da atividade criadora do sujeito humano” (Konder, 1981, p. 23). A partir de Hegel, seus discípulos Karl Marx e Engels irão criticá-lo e construir o método materialismo histórico, que irá se contrapor ao pensamento dialético idealista de Hegel e seus seguidores.

Com o método criado por Karl Marx e Engels, teremos a apreensão do concreto real (o objeto), para que no campo da abstração ocorra a decomposição do objeto em suas partes para se compreender o caótico apresentado em um primeiro momento. “O materialismo histórico e dialético é o método que permite a passagem da imagem caótica do real para uma estrutura racional, organizada e operacionalizada em um sistema de pensamento” (Gomes, 1996, p.

281). E é no campo político e econômico, e através do trabalho que o homem produz e produz a si mesmo que Karl Marx construiu suas categorias de análise: modo de produção (que consiste na atividade econômica); forças de produção (os mecanismos de produção são a forma como o homem atua, a técnica utilizada); meios de produção (são as ferramentas de trabalho) e as relações de produção (como o homem se relaciona economicamente).

Com o método em foco, teremos pela primeira vez a sociedade sendo analisada à luz de um método construído especificamente para ela e a partir dela – o que até então não existia, isto é, os métodos com suas leis atendiam a uma análise para se compreender a natureza, passando também a ser de utilidade para se compreender a sociedade.

A obra de Marx foi amplamente trabalhada no Brasil na década de 1970 por diversos autores da geografia com perspectivas diferentes. Alguns se utilizaram de suas categorias de análise e outros de sua ideologia. Essa diversidade de perspectivas contribuiu para um enquadramento dos trabalhos científicos em uma visão mais ampla e consciente do contexto político da ciência e da sociedade.

Portanto, é nesse contexto que emergem alguns dos principais conceitos da geografia, e alguns deles são utilizados por Cruz em suas análises sobre o turismo. A seguir apresenta-se cada um deles.

5. OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS NA ABORDAGEM DO TURISMO

[...] toda tentativa de uma leitura do turismo na sua relação com o espaço que parta de um isolamento desse fenômeno está, desde o início fadada ao fracasso. É o mundo que explica o turismo e não o contrário. O esforço teórico e metodológico que se nos coloca é o de tentar encontrar sentidos e significados do mundo e, a partir daí, buscar apreender a inserção da atividade turística nessa totalidade (Cruz, 2007, p. 8).

Uma análise mais aprofundada da obra de Cruz permite-nos perceber que esta se utiliza principalmente de quatro conceitos da Geografia - suas categorias espaciais de análise - para entender o turístico, a saber: Paisagem, Lugar, Território, além do conceito de rede, aqui caracterizado como um conceito secundário dentro da Geografia.

A partir de então, analisa-se cada um desses conceitos, apontando como Cruz os utiliza para apreender o turismo enquanto “prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo” (Cruz, 2001, p. 9).

5.1 Paisagem

A paisagem desempenha importante papel na constituição dos lugares turísticos e no direcionamento dos fluxos turísticos.

Segundo Santos (2008a, p. 71), a paisagem pode ser natural ou artificial. Esta é a paisagem transformada pelo homem, enquanto a natural é aquela ainda não modificada pelo esforço humano.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea (Santos, 2008a, p. 71).

As paisagens artificiais estão entre os atrativos que interessam ao turismo. Criadas para atender às demandas das práticas turísticas, “são tentativas de se produzir os signos que povoam o imaginário de efetivos turistas ou daqueles potenciais” (Cruz, 2002, p. 109), seja a paisagem criada pelo turismo, seja a paisagem natural por este apropriada.

Sobre a importância da paisagem para o turismo, Lohmann e Panosso Netto (2008, p. 106) afirmam que “A paisagem pode ser considerada uma das grandes responsáveis pela prática do turismo, pois o homem sempre teve vontade de conhecer novos lugares, ou seja, novas paisagens”.

A paisagem foi percebida e apreciada pelos turistas de forma diferente ao longo do tempo, pois essa percepção depende do momento histórico e cultural que vive a sociedade. Conforme aponta Urry:

[...] Do *Grand Tour* Clássico, baseado em observações e registros neutros de galerias, museus artefatos altamente culturais, passou-se para o *Grand Tour* romântico, que presenciou a emergência do turismo voltado para a paisagem e de uma experiência muito mais particular e apaixonada da beleza sublime (Urry, 1999, pp.19-20).

Em sua obra, a autora tem sempre ressaltado a importância da paisagem para o turismo, como, por exemplo, em um dos seus artigos intitulado “As paisagens artificiais criadas pelo

turismo”, onde a paisagem é posta “como porção visível do espaço, constitui um dos mais importantes elementos da atratividade dos lugares para o turismo”³.

Já na obra “Geografias do Turismo: de lugares a pseudo-lugares”, a autora afirma que as paisagens artificiais são descoladas dos lugares em que foram inseridas. Neste caso, as paisagens não são reveladoras de fatos do passado do lugar em que estão inseridas; são apenas presente.

Para o turismo, é o valor estético que está em pauta. E a estética da paisagem turística é aquela ditada pelos padrões culturais da época. Segundo Cruz (2002, p. 111), hoje essa paisagem tem estreita relação com a cultura de massa e seus modismos, que privilegiam a espetacularização da paisagem.

Tendo em vista a discussão a respeito das paisagens construídas para o (e pelo) turismo, geralmente alheias ao lugar, um questionamento se apresenta: Como podemos perceber a questão da identidade dos moradores locais com esse lugar?

Vejamos agora como se apresenta o Lugar na obra da Professora Cruz.

5.2 Lugar

[...] produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido pelas relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e pela cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que homem se reconhece porque é o lugar da vida (Carlos, 1996, p. 29).

Se no Lugar devem-se considerar as relações sociais e a identidade para com este, o que dizer das transformações que o turismo tem trazido aos lugares?

Neste sentido, nas obras da autora, os principais impactos diretos da atividade turística no lugar podem ser oriundos do choque cultural entre turistas e residentes, ou das transformações na paisagem natural, com a implantação de infraestruturas e empreendimentos.

O turismo é capaz de mudar sociedades inteiras, conforme podemos perceber em alguns lugares. Segundo Cruz (2007, p. 21) “a atividade turística tem uma inquestionável capacidade de transformar os lugares em função de seus interesses, não raras vezes escusos e estranhos aos locais dos quais se apropria”.

³ O referido artigo está no livro organizado por Yázigi, intitulado “Turismo e Paisagem”, publicado pela editora Contexto, em 2002.

A ausência de um planejamento adequado do destino turístico que traga qualidade de vida e justiça social à comunidade residente pode causar danos ao desenvolvimento local. Quanto menor a comunidade, maior será o choque cultural, maior serão as desigualdades percebidas na paisagem, principalmente quando essas transformações ocorrem sem planejamento e sem incluir a comunidade.

Nesta perspectiva, a autora mostra ao longo de sua obra os impactos que ocorrem nos lugares onde o turismo chegou, conforme os exemplos expostos em suas obras “Introdução à geografia do turismo” e “Geografias do Turismo: de lugares a pseudo-lugares. Um deles é a Riviera de São Lourenço, localizado no município de Bertioga -SP, que trata de um empreendimento de segundas residências, que, segundo Cruz (2007), parece uma cidade independente. No interior desse loteamento, há *shopping centers*, restaurantes e mesmo uma escola para atender aos filhos dos poucos moradores, já que as pessoas que circulam por lá são veranistas.

Assim, essa capacidade que o turismo tem de criar e recriar os lugares de acordo com sua conveniência torna esses empreendimentos alheios ao lugar onde estão instalados, configurando-se como formas espaciais de segregação territorial entre turistas e residentes.

O complexo hoteleiro de Costa do Sauípe na Bahia, por exemplo, também é citado pela autora. Esse empreendimento é constituído por cinco hotéis *resorts* de bandeira internacional. “Encravado no litoral do Município de Mata de São João, esse empreendimento destoa completamente de seu entorno pobre e simula intramuros uma Bahia que não existe: sem pobreza, sem violência, esteticamente impecável” revela Cruz (2007).

Ressaltamos que as consequências acima mencionadas são decorrentes do turismo mal ou não planejado, criando graves problemas sociais e sérios impactos ambientais. Conforme ressalta Cruz (2003), a atividade turística enquanto atividade econômica precisa ser planejada de forma sustentável para se reproduzir. Planejar um destino turístico significa também tornar a comunidade participativa no processo, minimizando os riscos sociais.

5.3 Território e Rede

A autora em foco traz o turismo para dentro da geografia e, através de seus livros, apresenta-nos a relevância do tema para o geógrafo. Quando expõe que “A importância do turismo reside menos na estatística que mostra, parcialmente, seu significado e mais na sua incontestável capacidade de organizar sociedades inteiras e de condicionar o (re) ordenamento

de territórios para sua realização” (Cruz, 2002, p. 8). Sendo assim, podemos considerar sua contribuição inestimável não apenas para o geógrafo, mas também para toda ciência que busca a compreensão da atividade turística principalmente no Brasil, foco de suas pesquisas.

A autora trata o turismo inserindo-o na perspectiva geográfica, isto é, utilizando-se de suas categorias de análise, que, para Santos (1985), são os elementos fundamentais para a análise da produção do espaço. São elas: estrutura, processo, função e forma. Assim, temos o turismo sendo trabalhado pela professora Cruz, definindo a estrutura, o processo, a função e a forma que por ele são construídos. “A compreensão da organização espacial, bem como de sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas (objetos), estrutura (o todo) e funções através do tempo” (Santos, 1985, p. 50).

Analisando a obra de Cruz, escolheu-se trazer à luz a categoria espacial de análise *território*, por ter sido a categoria escolhida por ela em sua tese de Doutorado - “Política de turismo e território” - e por continuar a fazer parte de suas reflexões em seu mais recente livro “Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares”. Também abordou-se o conceito secundário de rede que é evidenciado como conceito-chave para a apreensão da atividade turística.

É na sobreposição dos sistemas de objetos e de ações pelo e para o turismo que a autora irá trabalhar o conceito de território turístico e rede.

O consumo dos territórios pelo turismo é intermediado por inúmeras formas de consumo, entre as quais podem-se listar os meios de transporte, de hospedagem e de restauração (estabelecimentos comerciais do ramo alimentício), o setor de agenciamento da atividade, os serviços bancários, o comércio de bens de consumo de modo geral. O consumo dos territórios pelo turismo envolve o consumo de um conjunto, indissociável, de bens e serviços que compõem o “fazer turístico”, isto é, o ato de praticar turismo e tudo aquilo que essa prática envolve, em termos de objetos e de ações (Cruz, 2002, p. 9).

No livro resultado de sua tese “Política de turismo e Território”, a autora traz como objetivo principal refletir e tentar responder as seguintes questões: “Estar-se-á configurando o turismo como uma panacéia? Em qualquer caso, qual o significado – ou quais os significados – dessa atividade no mundo contemporâneo? E, do ponto de vista de uma análise espacial, quais as suas possibilidades e limites?” (Cruz, 2002, p. 7).

A autora expõe nessa obra que em qualquer análise sobre a participação do turismo na produção do espaço tem que ser levado em consideração o conjunto de relações que se dá na atividade turística e suas escalas de produção - a local, a regional, a nacional ou a global.

Para tanto, a autora trabalha com as políticas norteadoras da atividade turística no Nordeste Brasileiro, tais como os Megaprojetos, e com o Programa de Desenvolvimento do

Turismo [PRODETUR/NE], sendo este último, como aponta a autora, complementar ao primeiro, “que consiste, basicamente, na urbanização turística de trechos pouco ou nada urbanizados da orla, com grande participação do poder público nos empreendimentos” (Cruz, 2002, p. 11).

Os Megaprojetos são: Projeto *Parque das Dunas-Via Costeira (RN)*, e Projeto *Cabo Branco*, João Pessoa (PB), desenvolvidos nas capitais dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, e projetos *Costa Dourada*, litoral sul do estado de Pernambuco e norte do estado de Alagoas, e *Linha Verde*, litoral norte do estado da Bahia, atingindo os estados correspondentes, isto é, transcendendo as capitais. O PRODETUR-NE, que surge na década de 1990, trata de uma política urbana, com a implantação de infraestrutura urbana em localidades escolhidas, pelos estados envolvidos, com o objetivo de um desenvolvimento do turismo regional.

Para avançar na discussão, à luz da tese de doutoramento de Cruz, a respeito do objetivo da Política de Turismo que traz os Megaprojetos e o PRODETUR-NE. A autora afirma que “À política de turismo cabe o estabelecimento de metas e diretrizes que orientam o desenvolvimento socioespacial da atividade, tanto no que tange à esfera pública como no que se refere à iniciativa privada” (Cruz, 2000, p. 9), como também o conceito de território do geógrafo Rémi Knafou ao qual faz referência Cruz:

O conceito de território corresponde a frações funcionais (Santos, 1997) do espaço. Corresponde ao espaço funcionalizado, apropriado por determinados atores sociais (que lhe atribuem determinadas funções), num dado momento histórico. Daí, ao nos referirmos a espaços apropriados pelo turismo, ou seja, as porções do espaço funcionalizadas pelo turismo, utilizaremos o conceito de território turístico, adotado por Knafou (1996) (Cruz, 2000, p. 18).

A autora aponta que, para Knafou, existem três fontes de *turistificação* de lugares e territórios: os turistas, o mercado e os planejadores e promotores territoriais. E são as ações desses agentes e suas relações que irão produzir e (re) produzir os territórios funcionais para o turismo. “Nesse sentido, apreender qual o papel que cabe ao turismo no ordenamento e reordenamento de territórios para seu uso requer a consideração de inúmeras variáveis que compõem o imenso jogo de relações do qual o turismo representa apenas uma parte” (Cruz, 2000, p. 27).

Ampliando a discussão acerca do conceito *território*, Cruz, em sua obra mais recente “Geografias do turismo: de lugares a pseudo-lugares”, traz o binômio território-rede para uma compreensão da atividade turística no capítulo 4 - “As redes, o território e o turismo”.

Cruz, ao analisar turismo como “uma prática social e atividade econômica cuja principal característica é colocar em movimento pessoas” (Cruz, 2007, p. 27), procura evidenciar a relação entre território e rede, identificando-a como fundamental na compreensão de como se dá essa *fluidéz de corpos* no espaço promovida pelo Turismo. Assim, é apontado o consenso que há entre os geográficos (Castells, 1999; Rochefort, 1998; Santos e Silveira, 2001, entre outros) ao tratarem de rede – “redes pressupõem fluxos e fluxos podem ser tanto materiais como imateriais” (Cruz, 2007, p. 27).

Segundo Corrêa (2001), toda rede se espacializa, ou seja, se materializa no território. Essa espacialização abre uma ponte para o que Haesbaert chama de estreita relação entre território e rede, “não há rede que não se vincule, de algum modo, ao território (Cruz, 2007, p. 30).

A percepção dos autores supracitados contribui na apreensão de que o turismo possui grande capacidade de se apropriar de redes já existentes no território, construídas historicamente para fins diversos de produção e reprodução do capital, como também de criar suas próprias redes, para tornar possível o fluxo de pessoas e mercadorias, ocorrendo assim a espacialização do território-rede do turismo. A forte relação entre *rede* e *turismo* é exemplificada na fala de Cruz:

[...] redes materiais, como é o caso das redes de transportes e de hotéis, estão na base do desenvolvimento do turismo. Mas redes menos tangíveis, como é o caso das redes de informação e de comunicação – e aqui se poderia tomar como exemplo o sistema AMADEUS- são igualmente fundamentais para que o turismo na sua forma maciça e organizada possa se realizar (Cruz, 2007, p. 30).

Cruz afirma que se torna cada vez mais imperativo para os estudos geográficos o estudo do binômio território-rede e aprofunda sua análise nas redes e sua relação com o turismo, construindo cinco pressupostos: 1- O turismo organizado e maciço coloca os lugares no circuito das mercadorias, pois os toma como mercadorias; 2 – São inúmeros os fluxos capazes de conectar os lugares turísticos, mas um deles é imprescindível à existência da rede: o fluxo de turistas; 3 – Dado que não há turismo sem turistas, redes de lugares turísticos pressupõem a existência de redes de natureza oposta e complementar, quais sejam, as redes de lugares emissores de turistas; 4 – Tal como é próprio das redes em sentido amplo, estas não têm a contiguidade territorial como um pressuposto e 5 – Lugares turísticos são pontos em uma rede; como em qualquer rede, pontos podem desempenhar papéis hierarquicamente diferentes.

Tais pressupostos sugerem caminhos para se analisar a atividade turística e sua espacialização por meio de redes, possibilitando sua apropriação do território, passando a redefini-lo como também a criar novos territórios.

Os pressupostos levantados pela autora dentro de uma perspectiva geográfica nos ajudam na compreensão de como vem se dando a produção do território para o (e pelo) turismo dentro de uma análise dialética que exige do pesquisador um aguçado olhar que nos possibilita ver além da paisagem. A autora expõe que a espacialização do território-rede do turismo, por meio de suas relações de poder em constante mutação, vem se intensificando e se tornando mais complexa diante da política implementada pelo Estado. Como o Plano Nacional de Turismo – 2003/2007, fomentando a criação de redes regionais de destinos turísticos conforme o Macro-Programa 4 – estruturação e diversificação da oferta turística, programa e roteiros integrados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a análise realizada da obra da professora Rita de Cássia Ariza da Cruz, percebe-se que uma das suas contribuições reside na nova forma de se apreender a dinamicidade e a totalidade do Turismo através do método dialético, que ainda é pouco trabalhado por aqueles que estudam esse fenômeno.

Percebe-se também que autora possui uma visão crítica da atividade turística em todos os momentos de sua produção, sempre buscando a cientificidade, mas com uma postura política, identificando a capacidade do turismo em se apropriar de territórios como também de criar novos, sem a preocupação de preservar o próprio produto do turismo - a paisagem. A autora nos traz a fragilidade que é trabalhar com o conceito da Organização Mundial do Turismo-[OMT] (1995), que é utilizado pela maioria dos pesquisadores. Segundo ela, o conceito de turismo da OMT (1995) é falho quando iguala *turismo* a *viagem*, gerando uma exacerbação das estatísticas e, conseqüentemente, proliferando os segmentos do turismo. A OMT induz a análises falhas tanto no meio científico quanto por parte do Estado, que se utiliza de dados estatísticos dessa natureza para implementar políticas de desenvolvimento da referida atividade.

Identifica-se também sua contribuição no fato de aproximar a Geografia ao Turismo, quando se utiliza das categorias espaciais de análise da Geografia, tais como: lugar, paisagem, e território, para apreender a produção e reprodução do espaço para o (e pelo) turismo.

Ao se reportar à Geografia e ao Turismo, a autora amplia as possibilidades de análise e, assim, transcende o modelo sistêmico, que não consegue apreender a complexidade da sociedade moderna.

REFERÊNCIAS

- Bertalanffy, L.V. (1975). *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis: Vozes.
- Beni, M. C. (2000). *Análise estrutural do turismo*. (3a ed.). São Paulo: Editora Senac.
- Carlos, A. F. A. (1996). *O Lugar No/Do Mundo*. São Paulo: Hucitec.
- Corrêa, R. L. (2001). *Trajelórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Cruz, R. C. A. (2000). *Política de turismo e território*.(3a ed.). São Paulo: Contexto.
- Cruz, R. C. A. (2002). As paisagens artificiais criadas pelo turismo. In: E. A. Yázigi. (Org.). *Turismo e paisagem* (107-119). São Paulo: Contexto.
- Cruz, R. C. A. (2003). *Introdução a Geografia do turismo*. São Paulo: Rocca.
- Cruz, R. C. A., & Sansolo, D. G. (2003). Plano Nacional de Turismo: uma análise crítica. *Caderno Virtual de Turismo*, 3 (4), 1-6.
- Cruz, R. C. A. (2005). Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado. *Geosul*, 20 (40), 27-43.
- Cruz, R. C. A. (2007). *Geografias do turismo. De lugares a pseudo-lugares*. São Paulo: Roca.
- Gomes, P. C. C. (1996). *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Konder, L. (1981). *O que é dialética*. São Paulo: brasiliense.
- Lohmann, G., & Panosso Netto, A. (2008). *Teoria do Turismo: Conceitos, Modelos e Sistemas*. São Paulo: Aleph.
- Organización Mundial de Turismo (1995). Conceptos, definiciones y clasificaciones de las estadísticas de turismo. Manual Técnico (Nº 1). Madrid, OMT.
- Panosso Netto, A. (2005). *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. São Paulo: Aleph.
- Ramos, M. G. G., Garcia, T. E. M., Hallal, D. R. & Muller, D. (2010,dezembro) Movimentos da Expansão e Diversificação da Educação Superior em Turismo no Rio Grande do Sul. *Anais do Coloquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul*. Mar Del Plata, Argentina,X.
- Santos, M. (1985). *Espaço e método*. São Paulo: Nobel.

Santos, M. (1994). O retorno do território. In: M. Santos, et al (orgs.). *Território: Globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec.

Santos, M., & Silveira, M. L. (2001) *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro- São Paulo: Record.

Santos, M. (2008a). *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos de Geografia*. (6a ed.). (Coleção Milton Santos). São Paulo: EDUSP.

Santos, M. (2008b). *A natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. (4a ed.). (Coleção Milton Santos). São Paulo: EDUSP.

Urry, J. (1999). *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: SESC/Studio Nobel.

Valduga, V. (2008, junho). Do Modelo Sistêmico Linear Turístico ao da Unitas-multiplex: Uma análise crítica da Corrente sistêmica e suas limitações no Campo Turístico. *Anais do Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul (SeminTUR)*. Caxias do Sul, RS, Brasil, V